

A IDENTIDADE NACIONAL E A FIGURA DO HERÓI NACIONALISTA NA NOVA MARVEL

Gabriel Braga Ferreira de Melo (UERJ)¹

Resumo: Os deslocamentos globais promovem a ruína do conceito de nação homogênea e, uma vez que o herói nacionalista é a tentativa de representar em uma singularidade toda a nação, o próprio papel do herói sofre um poderoso golpe que poderia até mesmo causar sua extinção. Contudo, o herói nacionalista resiste, mas não sem algumas mudanças. Essa comunicação visa responder como a figura do herói nacionalista reage aos novos tempos, modifica o foco de sua luta e se atualiza e se divide em várias representações identitárias em oposição à representação única que perdurou até o fim do século XX para manter seu papel de veículo de discussões pertinentes e estabelecer um debate sobre os temas que mobilizam a nação.

Palavras-chave: Cultura; Identidade Nacional; Pertencimento; Quadrinhos.

O herói nacionalista² se encontra, nos dias de hoje, em uma posição delicada. Com o profundo avanço tecnológico que alimenta a globalização, as barreiras geográficas não são capazes de impedir a circulação de pessoas e ideias a todo momento e pelos mais variados motivos. Tais deslocamentos promovem a ruína do conceito de nação homogênea e, uma vez que o herói nacionalista é a tentativa de representar em uma singularidade toda a nação, o próprio papel do herói sofre um poderoso golpe que poderia até mesmo causar sua extinção.

Contudo, conforme constata Almeida (2013, p.67), “apesar de vivermos um momento de imensa mobilidade e trânsito entre povos, países e continentes, o Estado-nação está longe de ser desmantelado ou substituído por uma pós-nação ou transnação”. Da mesma forma, o herói nacionalista resiste, mas não sem algumas mudanças.

O fato de Steve Rogers, o Capitão América original, compartilhar o biótipo do ideal ariano nunca foi um grande problema para o personagem. Esse ideal já foi questionado, mas nunca impediu o personagem de seguir sua luta, ainda mais quando, por diversas vezes, se aliou a outros heróis negros em lutas sociais. Nos dias de hoje, embora ser branco não seja um problema em si, o fato de ser somente a representação de uma parte da variedade cultural que são os Estados Unidos se torna um empecilho significativo para o desempenho da função primordial do herói.

¹ Doutorando em Teoria da Literatura e Literatura Comparada (UERJ). Contato: gabrielbfmelo@gmail.com

² Uso neste trabalho a distinção entre “nacionalista” e “nacional” expressa por Jason Dittmer (2013) em que “nacional” seria quando algo é associado a uma nação (como a cerveja para a Alemanha e mesmo o gênero de quadrinhos de heróis para os Estados Unidos). “Nacionalista”, por sua vez, seria a característica do que mantém um relacionamento de cultivo ativo de uma determinada visão do país e seu papel no mundo.

Nesse cenário, o herói nacionalista sofre uma alteração que, como de costume, causou a reação – em grande parte, negativa e preconceituosa – dos meios de comunicação não especializados em quadrinhos. Steve Rogers se “aposenta” e Sam Wilson, o antigo Falcão, assume o posto de herói nacionalista.

De forma bem resumida, no fim de 2014, Steve Rogers tem o soro do supersoldado – que lhe deu os poderes e impede que ele envelheça – drenado de seu corpo. Tal acontecimento acarreta em seu envelhecimento até a idade que teria realmente, não fosse o soro. Ou seja, Steve Rogers é um senhor de cerca de 90 anos. Ainda assim, Steve não se ausenta em definitivo da vida que sempre levou como Capitão América, apenas se afasta do primeiro plano e se vê forçado a abandonar o uniforme e o escudo para assumir um posto de consultor. Seu gênio militar e sua experiência no mundo de heróis ainda podem ser úteis, não mais no campo de batalha. Para seu lugar, Steve considera que não há ninguém melhor do que seu antigo parceiro Sam Wilson, o Falcão.

É importante lembrar que Sam Wilson é um personagem altamente icônico no que diz respeito à sua identidade. Ele é o primeiro super-herói afro-estadunidense dos *comics*. Seu passado de lutas sociais e seu emprego como assistente social sempre o colocaram em meio às lutas que muitos preferiam ignorar em prol de uma fantasiosa paz e harmonia social que, na realidade, nunca existiu nos Estados Unidos.

O Capitão América Sam Wilson é um herói que compartilha de muitas das crenças do Capitão América Steve Rogers. Entretanto, é uma pessoa completamente diferente e com um cenário de fundo igualmente diverso. Não tendo crescido em 1930, Sam Wilson é um herói da nação dos tempos modernos e diretamente afetado por problemas do século 21. Como assistente social – em oposição ao soldado e estudante de Artes Steve Rogers –, Sam sabe como crime, pobreza, falta de estrutura social, corrupção na esfera governamental e tantas outras mazelas afetam a comunidade de modo mais destruidor do que afetam a narrativa do sonho americano. Sam Wilson é o herói que, pertencente a um grupo que ocupa uma posição minoritária, e tendo vivido uma vida como cidadão e não exclusivamente como herói, pode focar no homem comum. Ele é capaz também de ter e despertar uma empatia com aqueles que não gozam de privilégios em um nível de profundidade que Steve Rogers jamais pôde alcançar. Como Toro (2010, p.13, grifo do autor, tradução minha) já alertava:

Quando falamos de deslocamento no contexto da pós-colonialidade, normalmente falamos do deslocamento vindo de *fora*. Entretanto, devemos também nos referirmos ao deslocamento vindo de *dentro*. Normalmente, tendemos a ignorar o deslocamento vindo de dentro simplesmente porque em muitos casos se revela o chamado “Terceiro Mundo” nos países do “Primeiro Mundo”

Sam não possui o medo de revelar o “Terceiro Mundo” de seu país, pois é exatamente nesse mundo em que ele viveu grande parte de sua vida. Como o herói declara, seu objetivo no papel do herói nacionalista é o mesmo de quando era o Falcão, isto é, unir as pessoas e enfrentar o racismo, a xenofobia e qualquer outro tipo de intolerância. Em outras palavras, Capitão América Sam Wilson é o herói que vai lutar uma batalha que nem sempre os heróis do primeiro escalão, tão atarefados com ameaças cósmicas ou mundiais, encaram: a batalha interna do cidadão comum.

Steve Rogers, por sua vez, se vê fora da ação e sendo útil apenas como consultor e como alguém muito procurado pela imprensa como comentarista de certos eventos pelo símbolo que ele representa. De certa forma, Steve simboliza o fim da utilidade do antigo conceito de nação que ele tanto defendeu, bem como um sentimento de desligamento de um novo Estados Unidos multicultural – ainda que problemático, como veremos com Sam – em relação a um Estados Unidos mais antigo e, por vezes, mais inclinado a ignorar algumas diferenças.

Logo em sua primeira edição sob o selo *All-New All-Different Marvel* (SPENCER, 2015), Sam Wilson mostrou que não seria uma versão voltada para meias medidas ou temerosa de abordar diretamente qualquer tema que fosse. A edição começa com Sam entrando em um avião comercial e, através de *flashbacks* com uma análise crítica feita pelo herói, nos inteiramos dos fatos que antecederam seu retorno para casa. Sam enfrentou Ossos Cruzados e o prendeu. Ao entregá-lo para a SHIELD – agência internacional fundada pela ONU existente no mundo da Marvel –, ele é expulso de lá pela comandante Maria Hill já que a relação entre os dois não está muito boa desde que Sam rompeu publicamente com a organização. O herói começa a refletir sobre como ele estava enganado ao pensar saber do que se tratava o posto de Capitão América. Ele compreende que Steve era capaz de inspirar o povo e mostrar o que eles poderiam ser caso trabalhassem juntos e foi esse o caminho que ele tentou seguir, mas se viu confrontado por uma triste realidade: o país está mais dividido do que nunca.

Após esta constatação, Sam continua apontando que existem diferenças raciais, políticas e econômicas em todo o país. O que tornava esse cenário único, segundo ele, é

que, mesmo quando essas diferenças explodiam no passado, sempre havia um inimigo comum para unir o povo. Afinal, como ele constata, todos estavam de acordo quanto a destruir a Hidra³. Entretanto, até isso não era tão simples nos dias de hoje. Uma vez que se descobriu que a SHIELD e a NSA – do inglês, Agência de Segurança Nacional, organização existente tanto nos quadrinhos quanto no mundo real – eram capazes de atitudes tão condenáveis quanto às dos vilões. Sam Wilson analisa que Steve sempre foi um símbolo que tentava se manter acima dessas disputas, embora agisse quando necessário. Ele admira o antigo Capitão por tal atitude, mas decide que o caminho dele deve ser outro, de mais ação.

Chegamos ao já citado rompimento com a SHIELD, quando o herói expressou suas opiniões para a mídia na intenção de unir todos em um debate e o resultado foi manchetes de jornais que o chamavam de Capitão Anti-América ou Capitão Socialismo. A partir desse momento, embora use o nome de Capitão América, Sam Wilson passa a ser conhecido por muitas pessoas como “falso Capitão América” e outros nomes que deixam claro que ele não é o verdadeiro, o Steve Rogers. As opiniões expressas por Sam ainda são nebulosas para o leitor.

A revista mostra que, sem apoio da mídia, Sam Wilson decidiu entrar em contato direto com a população através de uma *hotline*. No meio de tantos pedidos fúteis, Capitão América se depara com o caso de Mariana Torres pedindo ajuda pelo desaparecimento de seu neto, Joaquin.

Joaquin é um jovem mexicano que, muito pequeno, migrou com sua mãe e avó para os Estados Unidos. Agora crescido, Joaquin ajuda pessoas que tentam fazer a travessia ilegal da fronteira que separa os Estados Unidos e o México. Porém, Joaquin não é um *coiote*, ele apenas deixa água, remédios e comida em lugares estratégicos para que as pessoas que estão tentando a travessia não morram de fome ou sede. Em uma de suas idas para abastecer o local com suprimentos, Joaquin sumiu e nunca mais foi visto.

Sam decide aceitar o pedido de ajuda e começa sua viagem para o Arizona. Ele chega no deserto bem na hora em que os mexicanos que fazem a travessia são abordados por pessoas fantasiadas que se declaram *Sons of the Serpent*. Uma conversa entre o líder do grupo e os mexicanos se desenrola e então começa a abordagem

³ Equipe de vilões clássica do Capitão América e da SHIELD. Com fortes ideais nazistas, é uma organização internacional que visa dominar o mundo. Fundada pelo Barão von Strucker, vilão clássico do Capitão, a organização tem por saudação em inglês o grito “Hail Hydra!”, uma clara referência à saudação nazista a Hitler.

polêmica sobre o tema da imigração que ganhou um alcance global e extrapolou até mesmo os meios tradicionais de discussão de quadrinhos:

Líder: Atenção todos os transgressores! Eu sou o Serpente Suprema! Ao invadir esta terra soberana, vocês desafiam as leis de Deus, da natureza e da constituição dos Estados Unidos! Portanto, venho prendê-los pelo poder em mim investido pelos já mencionados Deus, natureza, et cetera, et cetera.

Mexicano: Por favor, seja lá quem você for – nós não queremos encrenca –

Líder: Ah, eu acredito em você, senhor. Eu posso ver que você já tem problemas suficientes com você. Problemas e doenças e crimes pesam sobre suas costas.

Mexicana: Deixe-nos em paz!

Líder: Deus sabe como nós tentamos! Mas até que a poderosa barreira esteja construída, vocês vêm para cá atrás de empregos que são nossos por direito! E se eles lhes forem negados, vocês procuram um bem-estar pago pelos dólares dos nossos impostos! Mais, vocês têm ideia de como vocês me obrigam a apertar o 1 para inglês no começo de cada chamada para o meu provedor de TV à cabo? Isso é algo que eu não posso permitir! Enquanto outros estão contentes em protestar pacificamente ou votar em eleições fraudadas, os Filhos da Serpente acreditam que agressão deve ser respondida com agressão! Eu declaro todos vocês combatentes inimigos! Vocês virão conosco ou sentirão a picada da serpente! Eu não sou por natureza um homem violento -- (SPENCER, 2015, s.p., tradução minha)

Nesse momento, chega o Capitão América Sam Wilson e confronta os *Sons of the Serpent*. A crítica é muito clara. O discurso do líder desse novo grupo é o mesmo feito pelos candidatos republicanos em qualquer debate político que ocorria nos Estados Unidos na época. A maneira de enxergar o mundo e as declarações muitas vezes preconceituosas – como o fato de imigrantes trazerem doenças – estão nas páginas dessa edição, mas estavam, também, nos discursos dos candidatos mais radicais do Partido Republicano. O símbolo dos Estados Unidos nos quadrinhos se posiciona diretamente contrário a isso e, caso não esteja clara a ideia de que esse discurso do líder do grupo é mostrado como sendo errado e contrário a tudo o que deveria ser os Estados Unidos, uma vez que se opõe ao discurso do herói nacionalista, vale ressaltar a semelhança em nome e vestimenta do grupo com a Hidra – a temática da cobra se mantém em ambos os grupos –, a organização nazista representante do mais puro mal nos quadrinhos Marvel.

A repercussão no mundo real, como não podia ser diferente, foi global. Diversas mídias, especializadas ou não em quadrinhos, estadunidenses ou estrangeiras noticiaram a primeira edição do herói contando sua história.

O outro lado, obviamente, não aceitou calado. O site *Comics Alliance* (WHEELER, 2015) noticia que uma petição online foi criada para a demissão do roteirista Nick Spencer da revista do herói; explica também que o grupo *MacIver Institute* divulgou um vídeo, disponível na reportagem, alegando concordar com a ideologia de *Sons of the Serpent* e contestar o *status* de vilões apresentado na revista. O site informa ainda que o programa de TV *Fox and Friends* – vídeo igualmente disponível na reportagem –, da *Fox News*, também comentou negativamente sobre a história apresentada. O grupo *Daily Stormer*, um grupo estadunidense neo-nazista e pró-supremacia branca, divulgou uma nota em seu site (ROGERS, 2015) reclamando da decisão da Marvel de colocar um negro como Capitão América e da sua política “antibrancos” e “pró-hordas de ilegais”.

Toda essa reação só veio a ilustrar que Nick Spencer estava certo em sua abordagem, pois o que se viu, no mundo real, foram reações idênticas às das pessoas nos quadrinhos, que se sentiam incomodadas pelo fato de Sam Wilson estar vestindo o uniforme do herói nacionalista e defendendo uma agenda diferente da deles. Ignorando o fato de que o próprio Steve Rogers, ao longo de toda a sua história, também nunca se alinhou com a política republicana e, em mais de uma oportunidade, fez críticas a ela (como quando abertamente criticou Nixon e George W. Bush).

Sam Wilson segue o espírito do Capitão América Steve Rogers ao se alinhar nas lutas das minorias. Mas não trava essa batalha sozinho. Ele atua sempre com apoio de uma equipe que é um retrato mais diversificado e próximo da representação da sociedade estadunidense, pois conta com a heroína afro-estadunidense Misty Knight, o caucasiano Demolição e o mexicano Joaquin, que se tornou o novo Falcão. E, como uma evolução da figura do herói nacionalista, por ser também parte de uma minoria, Sam Wilson, mais do que simpatizar com a causa, vive os problemas na pele e compreende as dificuldades da vida do cidadão que está defendendo.

Para fechar o tópico dos heróis nacionalistas, quero chamar a atenção para mais dois personagens que são merecedores de análises próprias, mas, por questões de espaço e escolhas, ficam limitados a uma breve citação. São eles o Capitão América Steve Rogers e a Miss América Chavez.

Como afirmei alguns parágrafos acima, Steve Rogers assumiu um posto de consultor e tático, longe do campo de batalha em si. Rogers criou também um grupo de Vingadores composto por humanos, mutantes e inumanos – as três espécies de seres humanos existentes no Universo Marvel – com o intuito de, por meio da união de seres das três espécies, encorajar a paz e promover a cooperação frente às tensões do mundo – explicando, mutantes são odiados e temidos por humanos; e mutantes e inumanos já entraram em guerra. Sem adotar uma especificidade do mundo real e se valendo de uma generalização por meio da imagem de mutantes e inumanos, Steve Rogers continua na sua luta em prol de uma maior aceitação do outro e avançando da barbárie – definida por Todorov (2010) como a intolerância ao diferente e o não-reconhecimento do outro como um ser humano – em direção à civilização.

Entretanto, nada é eterno no mundo dos *comics* exceto a mudança. Mesmo o Steve idoso não é eterno. Desde 2016, o personagem voltou à sua melhor forma heroica, recuperou o soro do supersoldado e retornou ao posto de Capitão América. O que esse retorno muda para o Capitão América Sam Wilson? Nada. Uma vez que as mudanças significaram apenas que existem dois Capitães América. Sam continua lutando as batalhas que ninguém trava, enquanto Steve enfrenta o retorno da sua velha inimiga, a Hidra. São duas histórias diferentes de Capitão América. Com Sam, uma história mais focada em temas atuais; com Steve, uma história clássica de mocinho contra bandido.

As histórias do retorno de Steve Rogers estão causando uma comoção muito grande e será um tema interessante a ser abordado, já que coloca o herói símbolo do país tomando atitudes questionáveis e até mesmo vilanescas e instituindo um estado fascista nos Estados Unidos governados por ele em prol da defesa dos ideais da nação. Contudo, uma vez que o arco de histórias ainda não se encerrou no momento da escrita deste trabalho, é cedo para análises mais profundas sobre a história e o tema.

Um último personagem que gostaria de trazer para esse trabalho é América Chavez, a heroína Miss América. Ela vem de uma realidade alternativa habitada somente por mulheres – o que lhe confere duas mães e nenhum pai – e, ainda que não tenha ficado claro até o momento se nacionalidade se aplica a este universo de onde ela vem, seu nome e seu biótipo trazem muito a imagem de uma latina à cabeça. O fato de ser fluente em espanhol e inglês e usar palavras pertencentes ao espanhol na sua fala só reforçam essa ideia. Embora em suas histórias ela ainda não tenha abordado diretamente nenhum tema de caráter nacionalista, sua vestimenta – sempre com uma temática da

bandeira nacional estadunidense – por si só qualifica a personagem como tal, uma vez que remete ao padrão adotado pelo principal herói nacionalista, Capitão América.

Miss América, mesmo que nunca cumpra seu papel de heroína nacionalista em discussões sobre a nação, já é um avanço significativo – assim como Sam Wilson – nos quadrinhos. Pela primeira vez, um personagem nacionalista estadunidense, com real destaque nos *comics*, é uma mulher. Some-se a isso a simples similaridade com uma cultura latina que já é um reconhecimento de um cidadão que, como vimos nas histórias do Capitão América Sam Wilson, é considerado uma praga transmissora de doenças, um ladrão de empregos, um ser completamente indesejável, mesmo sendo um grupo que, numericamente, não é tão pequeno no solo dos Estados Unidos.

Mais ainda, Miss América Chavez, embora não seja exatamente uma heroína de legado, assume o mesmo nome de uma personagem criada em 1943 e ausente dos *Comics* desde 1974, Madeline Joyce, a primeira Miss América.

Miss América Chavez difere visualmente de sua antecessora. Sai a estadunidense loira e branca – protótipo da raça ariana –, e entra a “latina” morena. Sua identificação com o herói nacionalista é clara. A camisa azul com uma estrela branca no peito remete imediatamente ao uniforme do Capitão América Steve Rogers e sua jaqueta com listras vermelhas, brancas e azuis com estrelas fazem a identificação ainda mais óbvia ao remeter à bandeira estadunidense. Outro constituinte identitário da personagem importante de se ressaltar é o fato de ela ser uma das poucas heroínas lésbicas dos *comics mainstream*.

O fato de não ter abordado ainda questões nacionalistas, como todos os outros heróis nacionalistas fazem, não desqualifica América Chavez como representante do gênero – até pelo seu pouco tempo de vida, uma vez que foi criada em setembro de 2011 e só agora em 2017 ganhou sua primeira revista solo. Na verdade, uma vez que o conceito de nação vem mudando, é possível que a nova Miss América seja a revolução do gênero. Uma personagem que, ainda que evocando um nacionalismo, não se prende à temática nacional para validar sua representação.

Por fim, conclui-se que o herói nacionalista não morreu, mas precisou se dividir para dar conta da diversidade cada vez maior de sua nação. Com isso, temos agora um estadunidense da década de 1940 representante da classe média branca e nativa dos Estados Unidos no papel de defensor dos ideais da nação, um afro-estadunidense da década de 1970 que enfrenta os problemas sociais junto às minorias e uma “latina” lésbica do século XXI que, possuidora de poderes cósmicos, atende aonde for

necessária. Sem mencionar os outros personagens que possuem alguma relação com a nação, embora não se constituam como heróis nacionalistas.

É inegável que, por mais que o conceito da nação tenha perdido força, o nacionalismo ainda tem alguma relevância em aspectos sociais e políticos nos dias atuais. Os *comics* não ignoram tal fato e, engajados na representação das minorias e dispostos a empoderar e dar voz a grupos antes excluídos do cenário da indústria dos quadrinhos, conectam alguns heróis, através do uniforme, à nação – embora não os transforme em nacionalistas – e os colocam para desbravar, junto com a juventude de heróis novos, os problemas enfrentados pelas minorias das quais eles fazem parte.

Essa nova geração de heróis – e outros heróis já existentes, porém repaginados – são heróis que lutam por minorias específicas, até por fazerem parte delas. São os heróis que recebem a tocha da luta pela igualdade e multiculturalidade do primeiro herói a expor e conversar francamente sobre raça nos Estados Unidos, o Capitão América Steve Rogers. Porém, não são meros seguidores de um caminho apontado por alguém. São personagens capazes de, através da identificação com o outro, darem passos que Steve não pôde dar e trilharem seus próprios caminhos, mas mantendo o mesmo objetivo de promover a aceitação do Outro, do diferente e da ideia de que se vive em um país multicultural onde todos merecem possuir os mesmos direitos, independentemente de sua origem, orientações e estilo de vida.

Por intermédio da identificação que nós leitores sentimos em relação a eles, heróis e heroínas são capazes de nos deslocar, fazer com que vejamos através dos óculos da alteridade. Estes são personagens que, como já provado em alguns casos da vida real, podem nos engajar em uma luta para erradicar o preconceito contra qualquer ser humano, pertencente ou não ao grupo com o qual nos identificamos, e conferir a todos uma voz que seja escutada para expressar seu ponto de vista.

Acima de tudo, esses heróis são pessoas comuns: homens, mulheres, muçulmanos, católicos, heterossexuais, homossexuais, negros, brancos, ocidentais e orientais. São possuidores de marcas que os identificam como uma alteridade, mas não são definidos pelas suas diferenças. Estas são apenas parte da identidade que eles possuem – por vezes conflitantes, se pensarmos em classificações binárias.

Cada passo nessa direção, é um passo mais próximo de abraçarmos verdadeiramente a multiculturalidade que nos cerca. E cada luta que os *comics* vencem ao nos modificar em direção a essa conquista é mais um passo no estabelecimento dessa forma de arte como um agente da cultura no seu sentido original definido por Bordieu

(2010 [1979] apud BAUMAN, 2013) que é o de agente de transformação do status quo e instrumento para a evolução social visando a uma condição humana universal, apontando caminhos e objetivos para futuros esforços.

Referências

ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. Cartografias de gênero: escrita e espaço na literatura contemporânea. In: SCHNEIDER, Liane et al. *Mulheres e literaturas*. Cartografias de gênero. Maceió, Al: Edufal, 2013. p. 65-88.

BAUMAN, Zygmunt. *A Cultura do mundo líquido moderno*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2013 [2011].

DITTMER, Jason. “Captain America and Captain Britain: Geopolitical Identity and ‘the Special Relationship’”. In: WEINER, Robert G. (org.). *Captain America and the Struggle of the Superhero: Critical Essays*. Jefferson: McFarland, 2009. s.p.

ROGERS, Lee. *Negro Captain America Takes on Right-Wing Conservatives Against Illegal Immigration in New Comic Book*. Daily Stormer, 26 de outubro de 2015. Disponível em: <www.dailystormer.com/negro-captain-america-takes-on-right-wing-conservatives-against-illegal-immigration-in-new-comic-book>. Acesso em 13 de fevereiro de 2016.

SPENCER, Nick; ACUÑA, Daniel. *Captain America: Sam Wilson (2015 –) #1*. New York: Marvel Comics, 2015.

TODOROV, Tzvetan. *O medo dos bárbaros*. Para além do choque das civilizações. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

TORO, Fernando de. El desplazamiento de la literatura, la literatura del desplazamiento y la problemática de la identidad. *Extravío*. Revista electrónica de literatura comparada, núm.5. Universitat de València, 2010. Disponível em: <<http://www.uv.es/extravio>>. Acesso em: 05/08/2012.

WHEELER, Andrew. *Conservatives outraged that new Captain America is as political as original Captain America*. Comics Alliance, 19 de outubro de 2015. Disponível em: <<http://comicsalliance.com/conservatives-vs-captain-america/>>. Acesso em 13 de fevereiro de 2016.